

CARACTERIZAÇÃO DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NOS HOSPITAIS GERAIS DA CIDADE DE PELOTAS/RS

ERIKA SCHEIDT GÖRGEN¹; GIOVANNA DEL GRANDE DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – erika_gorgen@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giggjadgsa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Enquanto área de conhecimento, produção científica e delimitações de prática, a Psicologia Hospitalar no Brasil ganha espaço por meados da década de 50 (MORE et al., 2009). Porém, somente no ano de 2000, através da portaria de resolução nº 14 do Conselho Federal de Psicologia, que a Psicologia Hospitalar foi reconhecida como uma especialidade dentro do campo de atuação do psicólogo (TONETTO e GOMES, 2005; AVELLAR, 2011).

De acordo com SIMONETTI (2004), a psicologia hospitalar "é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento". Além disto, este autor dirá que "[...] a psicologia hospitalar não trata apenas das doenças com causas psíquicas, classicamente denominadas 'psicossomáticas', mas sim dos aspectos psicológicos de toda e qualquer doença" (p. 15). Então, o psicólogo hospitalar tem em foco a subjetividade do paciente, tratando dos aspectos psicológicos do adoecimento por meio do registro simbólico. Esse registro simbólico se encontra no campo das palavras, ou seja, o conteúdo existente na fala do paciente é que vai ser a porta de entrada para os significados e sentidos que ele dá para a sua doença (SIMONETTI, 2004). Dessa forma, o trabalho do psicólogo vai ser dar na atenção a relação que o doente tem com o seu sintoma, ou consoante Simonetti (2004), "[...] o que nos interessa primordialmente é o destino do sintoma, o que o paciente faz com sua doença, o significado que lhe confere [...]" (p. 24) e somente se chega a esse significado por meio da fala do paciente.

Dessa forma, tendo em vista que é uma especialidade com pouco tempo de reconhecimento e as críticas a respeito da função do psicólogo em hospitais gerais, assim como a necessidade de se problematizar, delimitar a sua prática e buscar novas formas de inserção neste local este estudo se propõe a contribuir, tendo como objetivo geral caracterizar a atuação do psicólogo hospitalar nos hospitais gerais da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é parte de um trabalho de conclusão de curso e trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa descritiva com delineamento transversal. O estudo descritivo busca conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir descrevendo as características da população alvo (CAMPOS, 2008). Ele se caracteriza como transversal por que analisa a situação da população alvo em um determinado período de tempo (ROUQUAYROL e ALMEIDA, 2006). A revisão de literatura incluiu livros, artigos científicos e materiais sobre a Psicologia Hospitalar disponibilizados pelo Conselho Federal de Psicologia. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada autoaplicável, com 10 perguntas fechadas e 7 abertas. Somente as questões 12 e 17 foram analisadas qualitativamente pelo método da análise do conteúdo, de modo a inferir características semelhantes no discurso dos entrevistados (LIMA, 1993). As questões fechadas foram analisadas de forma

quantitativa através do programa SPSS *Statistics* 20, através da obtenção de frequências e do teste qui-quadrado para avaliar se os grupos diferiam significativamente em relação ao tempo de exercício no hospital investigado, tendo em vista a heterogeneidade observada nesses dados. Para a realização da pesquisa, foi obtida autorização e aprovação da pesquisa por parte das instituições, além da aprovação do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Pelotas e todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há 13 psicólogos atuando na área da psicologia hospitalar na cidade. Destes, 66,7% da amostra estava vinculada a hospital com atendimento público pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e 33,3% com atendimento misto (SUS e convênios). Segundo VIEIRA (2006), escores maiores de psicólogos atuando em hospitais com atendimentos públicos se dão por conta da abertura de contratos e concursos públicos desde 2002.

Foram entrevistados os psicólogos hospitalares de quatro hospitais gerais da cidade, tendo em média 239,75 (DP 68,29) leitos por hospital e uma média de 3,25 (DP 3,86) psicólogos por hospital. A média de psicólogos parece baixa em relação à grande demanda e a complexidade dos hospitais gerais, uma vez que essas instituições comportam inúmeras especialidades. Contudo, não há na literatura estudos que mostrem valores de referência em termos de número de psicólogos por número de leitos atendidos no hospital.

No perfil dos psicólogos entrevistados constatamos que 58,3% da amostra atuava há até cinco meses no hospital e 41,7% trabalhava há seis ou mais meses. Além disto, 50% dos participantes atuam como psicólogos clínicos em consultórios particulares. Dados semelhantes a estes foram encontrados em outras duas pesquisas. Em uma pesquisa realizada em Porto Alegre, seis de sete psicólogas entrevistadas atuavam em consultórios e clínicas particulares (ROSA, 2005). Em outra pesquisa feita em Recife, 64,0% da amostra exercia o atendimento em consultório particular como atividade extrahospitalar (SÁ et al., 2005).

Do total dos participantes, 50,0% possuem especialização na área. As pesquisas de MARCON, LUNA e LISBÔA (2004), SÁ et al. (2005) e COSTA et al. (2009) também evidenciaram esses dados semelhantes a nossa pesquisa no quesito da especialização. Tal aspecto corrobora para as críticas com relação a formação acadêmica, pois somente o que se é aprendido nos cursos de graduação não fornecem subsídios práticos e teóricos suficientes para o profissional que queira atuar como psicólogo hospitalar (SÁ et al. 2005; COSTA et al., 2009; AVELLAR, 2011).

Os tipos de intervenções mais realizadas são Atendimento ao Leito (91,7%), Atendimento Familiar (83,3%), Avaliação Diagnóstica (83,3%) e Consultoria e Interconsultoria (75,0%). Atendimentos ao leito e aos familiares aparecem em inúmeras pesquisas como sendo algo rotineiro nas atividades dos psicólogos hospitalares (ROSA, 2005; MARCON, LUNA e LISBÔA, 2004; TONETTO e GOMES, 2005; AVELLAR, 2011). A avaliação diagnóstica do psicólogo no contexto hospitalar é uma ação importante pois permite a aproximação, investigação e intervenção para com o paciente de forma mais precisa, com o objetivo de facilitar a compreensão da condição de relação do sujeito com a sua doença, tratamento e internação (ANGERAMI-CAMON, 2013). Em referência a Consultoria/Interconsultoria, a

pesquisa de ROSA (2005) evidenciou que em hospitais onde os serviços de psicologia não são autônomos, as psicólogas atendiam os pacientes internados basicamente por meio das atividades acima mencionadas.

Os setores onde ocorrem mais intervenções são as Enfermarias (83,3%), seguido de Ambulatórios (41,7%) e Unidades de Terapia Intensiva - UTIs (41,7%). Em comparação com os dados encontrados nesta pesquisa, um estudo realizado em Florianópolis revelou que os psicólogos dos hospitais gerais centralizavam 20% de suas atividades em ambulatórios e 20% nas enfermarias, e estavam pouco presentes nas unidades de terapia intensiva (MARCON, LUNA e LISBÔA, 2004). Em outros estudos, os setores das enfermarias e ambulatórios são citados como locais onde a presença do psicólogo é frequente (SÁ et al., 2005; ROSA, 2005; AVELLAR, 2011). Os percentuais aqui encontrados podem ter sido baixos em comparação as enfermarias (83,3%) por que a UTI é um ambiente complexo, exige dos profissionais que compõe a equipe multidisciplinar treinamento específico para o atendimento ao paciente crítico, sendo necessário tempo para aperfeiçoamento e contato constante com os membros da equipe (ARAÚJO e LEITÃO, 2013).

Em relação à atividades que gostariam de realizar na instituição estão psicodiagnóstico e atendimento em grupo. Os motivos pelos quais esses profissionais não conseguiam realizá-las era por causa da falta de equipe, pouca autonomia em alguns setores do hospital e indisponibilidade de espaço físico. No tocante do reconhecimento profissional por parte da equipe de saúde e instituição, os participantes da pesquisa relatam que houve uma maior valorização ao longo dos anos através da própria atuação junto a equipe e o trabalho diário com os pacientes.

4. CONCLUSÕES

Os psicólogos hospitalares da cidade de Pelotas buscaram especializações na área da psicologia hospitalar e alguns possuem como outra forma de trabalho atendimentos clínicos em consultórios particulares. Os setores nos quais realizam suas intervenções são nas enfermarias, ambulatórios e UTIs. Podendo caracterizar como rotina os atendimentos ao leito e familiares, consultorias, interconsultorias e avaliações diagnósticas.

Com relação a valorização destes profissionais evidenciou-se que é um campo de atuação que tem crescido e nas equipes multiprofissionais o trabalho do psicólogo é mais bem valorizado. Entretanto, ainda existem problemáticas em relação a autonomia desses profissionais, o que faz com que exista dificuldades na sua atuação, singular e essencial, nestes ambientes, justificando a necessidade de se continuar com pesquisas na área.

Implantar esta cultura nessas instituições leva tempo. Cabe ao psicólogo mostrar de maneira eficaz o seu trabalho, estando, para isso, nutrido tanto de arcabouços teóricos e práticos, quanto de flexibilidade na sua atuação, assim como esses locais também devem fornecer aberturas para que estes profissionais ampliem suas práticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. Roteiro de Avaliação Psicológica Aplicada ao Hospital Geral. Em: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). **E a Psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Cengage Learning, p. 5-69, 2013.

ARAÚJO, Janete A.; LEITÃO, Elizabeth M. P.. A psicologia Médica no Centro de Tratamento Intensivo do Hospital Universitário Pedro. **Revista HUPE**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2013. Disponível em <<http://revista.hupe.uerj.br/default.asp?ed=76>> acessado em 20/05/2016.

AVELLAR, Luziane Zacche. Atuação do psicólogo nos hospitais da Grande Vitória/ES: uma descrição. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 491-502, Set. 2011.

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. Campinas: Alínea, v.4, 2008.

COSTA, Veridiana Alves de Sousa Ferreira et al. Cartografia de uma ação em saúde: o papel do psicólogo hospitalar. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 113-134, Jun. 2009.

LIMA, M. A. D. S. Análise de conteúdo: estudo e aplicação. **Rev Logos**, v. 1, p. 53-8, 1993.

MARCON, Claudete; LUNA, Ivana Jann; LISBÔA, Márcia Lucrécia. O psicólogo nas instituições hospitalares: características e desafios. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 28-35, Mar. 2004.

MORE, C. L. O. Ocampo et al. Contribuições do pensamento sistêmico à prática do psicólogo no contexto hospitalar. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 14, n. 3, p. -465-473, Set. 2009.

ROSA, Aline Maria Tonetto da. **Competências e habilidades em psicologia hospitalar**. 2005. 77 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA, Filho N. (Org.). **Epidemiologia & saúde**. Rio de Janeiro: Editora Medsi, v.6, 2003.

SA, Adriana Karla Jeronimo Marques de et al. Psicólogo hospitalar da Cidade de Recife-PE: formação e atuação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 384-397, Set. 2005.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar – O Mapa da Doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TONETTO, A. M.; GOMES, W. B. A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar. **Estud Psicol.**, Campinas, v. 24, n.1, p. 89-98, 2007.

VIEIRA, Célia Maria A. M. **A Construção de um Lugar para a Psicologia em Hospitais de Sergipe**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.